

BEAUTYLAND

TERRA BELA

*The
New York Times*



100 Notable Books
of 2024

«UM FEITO
MONUMENTAL.»

THE BOSTON GLOBE

«UM ROMANCE
EXTRAORDINÁRIO.»

THE NEW YORK TIMES

TOP
SEL
LER

MARIE-HELENE BERTINO

Para todas as Adinas do Universo.

NÉBULA ESTELAR

(NASCIMENTO)

No início, era Adina e a sua mãe terrena. Adina (no útero), ouvindo os sons progressivos do coração da sua mãe, e a mãe na sala de partos, com os sinais vitais a enfraquecer. Estrelas binárias. Adina, flutuando em gravidade zero. Tèrese, deitada na mesa de operações. O monitor por cima da cama dá notícias acerca dos seus corações interligados: coração a bater, coração, coração a bater, a bater. A tensão arterial de Tèrese desce à medida que Adina avança pelo canal de parto; está quase a chegar à Terra. Naquele exato momento, a nave espacial *Voyager 1* é lançada na Florida, contendo um registo fonográfico de sons com o objetivo de explicar a vida humana a extraterrestres inteligentes.

Estamos em setembro de 1977, e os americanos estão obcecados com *A Guerra das Estrelas*, um filme sobre uma guerra civil passada no espaço. Ao subir ao palco depois de ouvir o seu nome, uma concorrente do *Preço Certo* deixa cair o seu top sem alças e fica exposta perante uma chocada audiência do estúdio de Burbank. Na sala de partos do Hospital Northeast Philadelphia Regional, ninguém repara na queda da tensão arterial de Tèrese. Algo mais leve e consciente separa-se dela, deslizando para baixo do corpo sob a mesa, para debaixo do chão e sedimentos, aterrando num corredor com água pela cintura. Atrás dela, uma escuridão incorporada. À frente, longe, sobre uma extensão de ondas revoltas, uma certa luz clara e acolhedora. Tèrese deseja a luz mais do

que deseja saúde, mais do que deseja que o pai daquela bebé se torne uma figura capaz de sustentar uma família. Empurra uma perna na água e depois a outra, tentando remar como se fosse uma embarcação.

★

A escolha do conteúdo dos registos da *Voyager 1* foi da responsabilidade de Carl Sagan, um astrónomo polémico que usa elegantes combinações de *blazers* e camisolas de gola alta, a quem foi negado o estatuto de professor titular em Harvard por ser demasiado hollywoodesco. Carl e a sua equipa reuniram mais de uma centena de imagens que representam cenas típicas da Terra: uma mulher com compras nas mãos, um inseto numa folha. Os sons incluem *Johnny B. Goode*, de Chuck Berry, os gritos tristes das baleias-de-bossa e gravações das ondas cerebrais da terceira mulher de Carl. Passos, batimentos cardíacos e risos. Sem destino, a *Voyager 1* viajará 1,6 anos-luz: mais longe do que qualquer outro objeto feito pelo Homem. Numa conferência de imprensa, Carl diz que o lançamento daquela garrafa no oceano cósmico tem como objetivo contar «a história da humanidade».

★

Os astrónomos queriam incluir *Here Comes the Sun*, dos Beatles, mas a Columbia Records pediu demasiado dinheiro. É difícil fazer com que os seres humanos acreditem nas coisas.

Também não foi incluído o grande êxito de 1977, *Barracuda*, embora todas as histórias contadas nesse ano entre as divisórias estofadas dos rinques da United Skates of America ou gritadas entre carros elevados sobre pistões da Auto World ou transmitidas através da névoa misteriosa da secção de perfumes da Beautyland sejam contadas ao som das guitarras sincopadas da banda das duas irmãs de Chicago. Está a passar na rádio, na maternidade do Northeast Regional. Uma partícula de crepitar *Panasonic* entre as canções.



A corrente é demasiado forte; Tèreè não consegue avançar. A luz continua distante. Grita. O susto de uma enorme sucção puxa Adina para o grande vazio branco. Tèreè recupera a consciência sob lâmpadas pouco amistosas, com a bebé sobre o peito nu. A bebé é demasiado pequena. A pele e os olhos parecem levemente cobertos de ovo. É colocada sob uma lâmpada de fototerapia. Iluminada por tons azul-esverdeados da luz maternal, ansiando pelo seu calor, parece não ser humana. Uma planta ou talvez um ser marinho. Uma orquídea ou uma lontra. Um camarão.



Adina: *nobre*

Giorno: *dia*



Através da janela do berçário, Tèreè observa a sua nova filha, que não consegue alcançar a luz.

Adina ouvirá aquela história várias vezes ao longo da sua vida, e, na sua imaginação, Tèreè usará um espartilho vermelho sem fitas e uma capa como Ann Wilson no álbum *Little Queen*, só que siciliana e de patins, enquanto o vento húmido de fim de estação sopra pelas portas. O cabelo escuro a brilhar com óleo marroquino, demasiado crespo para ceder ao popular *feather cut* dos anos 70.

Na realidade, Tèreè foi sentada numa cadeira de rodas pelas enfermeiras, sentindo-se puxada de volta à Terra por um fio indelicado. A gola da sua bata de hospital cai-lhe por baixo da clavícula. A sua bebé abre um punho minúsculo e ela pensa nos seus amigos desacorrentados, entre os quais o pai de Adina, a caminho da discoteca. Está demasiado cansada para perceber que ir atrás dele é perseguir um sonho irrealizável. As enfermeiras conversam

sobre a concorrente do *Preço Certo*. «Fez de propósito», diz uma delas. A primeira parte da vida de Tèrese acabou. Ele nunca mais vai implorar para ter o mamilo perfeito dela na boca. Ela nunca mais será a Tèrese selvagem na pista de dança improvisada da casa de Bob e Barbara. Os pais dela não a vão apoiar. Ela é a mãe, a mãe, a mãe daquela pequena bebé. O *ela* na cabeça de Adina.

Na imaginação de Adina, a mãe olha pela janela do berçário, enquanto uma guitarra elétrica soa por trás. Na realidade, Tèrese está vencida pela exaustão, sem pais, mal acabada de regressar do corredor da morte. Até a bata de hospital se recusa a ajudar; o seu sorriso tolo expõe metade de um seio perfeito.



Mas o útero é a segunda casa perdida de Adina. A primeira já ficou para trás, a trezentos mil anos de distância. Um planeta próximo de Vega, a estrela brilhante na constelação setentrional de Lira. Extraterrestres inteligentes enviaram a sua própria sonda numa forma e para um local que nenhum académico — nem mesmo Carl Sagan — poderia prever.

É um milagre interestelar. Dois acontecimentos celestialmente significativos que ocorrem em simultâneo: a partida da *Voyager 1* e a chegada de Adina Giorno, precoce, enrugada e amarela como um jornal velho. Se, como um jornal, a *Voyager* pretende levar notícias, aquela bebé destina-se a recolhê-las, embora ainda ninguém o saiba, incluindo ela. No preciso momento em que a nave espacial cruza a troposfera, a delicada sonda estica o punho em direção a uma lâmpada térmica na ala pediátrica do Northeast Regional, tendo acabado de nascer — ou aterrar, dependendo da perspetiva —, prematura. Contorcendo-se, ansiando, recuperando o calor sob a lâmpada térmica, a cabeça cheia de espesso cabelo preto, naquele momento ela ainda é sobretudo água, nutrientes e sentimento.



Esta família, esforçada, mora em frente à Auto World, no nordeste de Filadélfia. Vivem num apartamento no piso térreo de um edifício de tijolo com duas frações, ligado a outro edifício de tijolo, ligado a outro edifício de tijolo, e assim por diante, em eteceteras ao longo da autoestrada. É uma fila de casas baratas para famílias em fase inicial da vida. Esta é uma família em início de vida.

O relvado do complexo, recentemente cortado, exala um cheiro agradável e fresco para os carros que passam a alta velocidade e para o pai de Adina, que se agacha, olhando para uma chave de fendas. Se conseguir conservar o seu emprego na cidade, mudar-se-ão para os subúrbios, onde, dentro de alguns anos, deixará de alugar casa e passará a ter a sua própria habitação independente. Terão um quintal só deles, um grelhador, uma árvore e espaço suficiente para cada membro da família fazer as suas coisas sozinho. Não há atividades privadas na casa em frente ao Auto World. Ser pai é algo estranho para aquele homem, mas ele está a esforçar-se. Hoje, vai usar metal para juntar madeira a madeira e fazer um baloiço, tal como um homem mais uma mulher e um bebé fazem uma família.

Cada casa é concebida como um cadáver deitado sobre uma mesa: na proa do apartamento, há uma pequena entrada que normalmente contém as botas que Adina chuta dos pés ao entrar e os sapatos de trabalho bem arrumados da mãe, um corredor que conduz como uma garganta à cozinha comum, o tronco é uma sala de estar suficientemente grande para conter um sofá e uma mesa em meia-lua coberta com os seus livros boquiabertos, uma casa de banho ridícula e dois pequenos quartos nas traseiras. Nas paredes, painéis de madeira. Tudo o que se podia pintar foi pintado de bege. Em frente à Auto World, um homem voador rodopia e gira, fazendo Adina e a mãe rir à gargalhada quando estacionam à entrada.

Adina, com 4 anos de idade, acorda de uma sesta e percorre o apartamento, surpreendida por encontrar a sala de estar vazia. Onde estão eles? Acredita que é o centro de todas as interações e que, enquanto dorme, os pais rezam para que ela acorde. Ainda está

inativa, virada para os seus sonhos, não consegue parar de pensar nos coelhinhos que viu no dia anterior, no relvado, debaixo de um arbusto, com as cabeças juntinhas sobre trevos tenros.

Não há bolachas no frasco e o frigorífico está cheio de garrafas interditas. Matemática infantil: se a mãe está a remexer no quarto, então o pai deve estar no quintal. A probabilidade de Adina ir ter com o pai ou com a mãe é ainda a mesma. Faz uma pausa. A casa em si — cada panela nos armários, cada fatura — parece fazer uma pausa.

O baloiço vence. Adina anseia por se sentar sem peso sobre uma tábua de carvalho presa a uma corda. O veículo de impulso ascendente. Não há razão para ter um baloiço. Isto faz do baloiço uma aberração, uma vez que, para além da sua finalidade primária, todos os objetos do apartamento têm de ter adicionalmente duas ou três outras funções. Tudo é reutilizado, tudo é recuperado. Mesmo ela, a criança, deve preencher vários requisitos ao mesmo tempo: ser silenciosa, útil, trabalhadora e um motivo de orgulho para o seu pai.

Naquela manhã, a mãe tirou um aparelho de fax do lixo de um vizinho e, segurando-o como se tivesse acabado de pescar um magnífico espadim, começou a conversar consigo própria.

— Porque é que alguém haveria de deitar isto fora? Provavelmente porque querem o último modelo. Mas podia claramente ser um vaso de plantas! — (Tudo o que estava prestes a ser deitado fora era primeiramente reaproveitado como vaso.) — Até vem com papel! — (Desenterra o rolo de papel do lixo, brandindo-o diante de si e de Adina.) — Aposto que funciona. Papel! Está tudo doido... — (As pessoas eram sempre doidas.)

O pai disse que era feio, que não conhecia ninguém que tivesse um em casa e que devia ficar no quarto «da criança».

— Tudo bem — disse a mãe com a sua voz de que não estava nada tudo bem, levando o fax para o quarto de Adina, onde ocupou a maior parte do tampo da secretária.

À exceção do tabuleiro do papel, que era cinzento-pombo de cidade, a máquina era da cor dos sapatos ortopédicos que os

funcionários usavam no trabalho da mãe. Havia um telefone estreito ao lado de um painel de botões achatados com números escritos que se iluminaram quando a mãe a ligou. Portais para o mundo dos negócios.

A mãe de Adina colocou uma folha de papel no tabuleiro.

— A quem vamos nós enviar um fax?

Adina não sabia nenhum número de telefone, exceto o seu. A mãe marcou: 215-999-1212. A máquina ganhou vida, tremeu amavelmente enquanto puxava o papel ao longo de si própria e ficou em silêncio.

— E agora?

Adina ouviu o pai no quintal a mexer nas ferramentas. O zumbido dos carros na rua. Um estalido vindo de um local recôndito dentro da máquina. Uma folha de papel lançada de uma câmara interna que Adina e a mãe não tinham previsto. Uma mensagem de erro: SEM RESPOSTA.

Os olhos da mãe de Adina arregalaram-se.

— Incrível.



É impossível ser infeliz num baloiço. Mesmo com 4 anos, Adina sabe disso. Ela quer que o baloiço fique pronto para poder ser tão feliz quanto precisa de ser. Ela quer que o pai a empurre até que consiga alcançar o teto de zinco do alpendre.

— Já está pronto, papá?

Porém, um incomensurável comentário desdenhoso durante o pequeno-almoço provocara-lhe um rombo interior. A mãe acha que ele é fraco ou incapaz de construir um baloiço. Acha que estaria melhor sozinha. E ele é. E ele é. E, sim, ela estaria. Ainda que os pratos, a mesa, o quintal e tudo seja providenciado por ele. O facto de o prego não ter conseguido penetrar na madeira mole ampliou ainda mais o rombo. E agora aquela fedelha quer controlar o seu progresso? *Se já está pronto?* E que tal um *obrigado?*

As veias do pescoço do pai incham num tom de vermelho inigualável. Empurra Adina para fora do seu espaço de trabalho. Talvez se tenha esquecido dos cinco degraus de cimento que conduzem ao pátio partilhado e empurra-a novamente. O betão e a relva aparada pouco amortecem a sua rápida queda. Cai.

Na cozinha, a mãe leva um copo de água à boca. Bebe oito por dia, calmamente, um após o outro. Ouve uma vizinha chamar por ela e corre para o quintal, onde Adina jaz inerte no pavimento.

Quanto tempo é que Adina fica fora do alcance das vozes humanas? Segundos? Um século? Acorda com a mãe a sacudi-la, a gritar a uma constelação de vizinhos preocupados que voltem para dentro. Terra para Adina. Responde, Adina. Adina reinicia. Algumas coisas regressam imediatamente e outras demoram algum tempo. Um sabor a estanho amarga-lhe a boca. O aperto das mãos de aço da mãe nos seus ombros, ajudando-a a levantar-se. O olhar do pai, fixo nas ferramentas abandonadas no chão.

Adina está ativada.



Nessa noite, Adina «acorda» num quarto concebido para parecer uma sala de aula. O alfabeto inglês está pintado nas paredes. Um aquário com peixes azuis a piscar e uma prateleira cheia de globos. A cena é costurada a partir do que ela viu das salas de aula na televisão e da visita que fez à escola primária que irá frequentar a partir do ano seguinte. Estão a usar objetos humanos para que ela compreenda.

Os seus superiores são uma zona na parte da frente da sala que brilha e evoca o sentido do plural singular. Uma Área Cintilante com várias almas e vários seres. A palavra humana mais próxima para a forma como comunicam é «intuição». Eles intuem em direção a Adina e ela recebe a mensagem. Esta é a sua língua nativa. Faz sentido que ela sonhe nela e que a use com facilidade. Ela intui que a Área Cintilante é ao mesmo tempo um local e um portal.

As luzes esbatem-se. Uma tela branca desce do topo do quadro-negro e enche-se de imagens projetadas. Numa central telefónica, uma operadora puxa uma chamada. Duas donas de casa falam ao telefone. Um homem vestido formalmente entra numa cabina telefónica para fazer uma chamada de emergência. Adina consulta a Área Cintilante para saber o que se segue.

Um objeto familiar aparece no ecrã, o aparelho de fax que a mãe resgatou do lixo. Uma mão incorpórea introduz nela uma folha de papel com uma caligrafia indescritível e carrega na grande tecla verde. O papel passa pelo mecanismo. Quando emerge do outro lado, a máquina e o papel brilham. Disparam-se centelhas festivas.

★

Adina acorda no seu quarto na Terra, com as narinas cheias do odor dos produtos de limpeza. Vai dormitando e despertando, e olha para um espaço perto da porta onde a luz da manhã se acumulou na forma de uma nave. Ao ver o fax na secretária, lembra-se das imagens do seu sonho.

Escreve numa folha de papel:

Eu sou uma Adina.

Depois de pensar no assunto, acrescenta:

Ontem vi coelhinhos na relva.

Introduz a folha na máquina e carrega no botão verde. O papel passa pelo tambor fazendo um som de digitalização robótica.

É tão cedo que até a avenida está silenciosa. A mãe dorme no quarto dela e Adina está desperta no seu, debruçada sobre uma máquina de escritório, sem saber o que esperar. Passado um momento, acende-se uma luz vermelha em que não tinha reparado. Um fax a chegar! Uma folha de papel passa a chiar através dos tambores.

DESCREVE COELHINHOS.

★

Na cozinha, a mãe de Adina prepara o que ela chama o seu chá *Lipton* especial. A sua voz é calma, embora mergulhe a saqueta de chá na água a ferver como se estivesse zangada com a saqueta e com a água.

— Ouve, Adina, o teu pai foi-se embora. É uma daquelas coisas boas e más. Há tantos momentos difíceis que mais vale celebrá-los — diz ela. — A maior parte são-no. Mesmo que ainda não tenhas percebido de que maneira. Bons, quero eu dizer. Mesmo que estejas convencida de que não são. Como aquele carro que acabei por não comprar. Encontrei o *Volkswagen* e, apesar de não ser muito bom nas subidas, tem um aquecimento muito melhor. Por isso, nada de lamúrias. Nada de «Porque está isto a acontecer?» É melhor para ele e para nós.

O rosto da mãe está lavado em lágrimas. Adina sabe que o que está a ver é a representação da bravura. Estão sentadas à mesa em meia-lua, com o chá demasiado quente para o poderem beber. De vez em quando, a mãe impede-se de continuar a falar. O homem que ali vivia, o pai dela, foi-se embora. O gel para o cabelo, os pentes duros, as camisas de trabalho com cheiro a terra nos sovacos. O apartamento cheira a limoeiros da Califórnia: ele foi removido das superfícies com detergente. Adina não chora. Já está a descrever mentalmente o chá aos seus superiores; amargo, porque não lhe é permitido açúcar nem nada doce.



A Beautyland é o tipo de loja vou-só-lá-num-instante que contém o que os humanos acreditam ser necessário. O frasco de álcool etílico que nunca usam e que assombra o armário do corredor como uma úlcera pálida, os rolos de esponja que a mãe teima em lhe pôr no cabelo, concebidos para duas utilizações, embora ela tenha usado os seus mais de dez. Estão de cinto no carro, o seu carocha cor de beringela, o carro pelo qual rezam nas subidas em manhãs frias. É inverno, o aquecimento do carro está avariado e o para-brisas embaciado com a respiração delas. O telhado anormalmente

cor-de-rosa da Beautyland sobressai de um conjunto de casas perto da avenida, onde grandes camiões transportam mantimentos para Nova Iorque. Os pequenos relvados onde as crianças brincam são divididos por betão. A relva está completamente morta.

Adina foi convidada a juntar-se ao programa de aprendizagem acelerada da sua escola, e a mãe, depois de lhe ter sido assegurado que não há custos, está inchada de orgulho.

— Sobredotada — diz ela, enquanto conduz. — Isso já nós sabíamos. Estava a ver que não se davam conta.

Já vieram muitas vezes a esta loja. Adina já enviou por fax notas sobre o empregado cuja função é patrulhar o piso superior, o piso sagrado dos perfumes, vedado por uma importante escadaria alcatifada e um letreiro em que se lê *TENHA BOM FARO*. Explicou como o seu aspirar cuidadoso e uniforme muda os fios da alcatifa para um tom mais escuro. Mas, naquele dia, Adina apercebe-se de como os corredores de artigos de beleza se podem relacionar com ela, uma menina terráquea de 6 anos. Que também ela tem partes nas quais aqueles artigos se podem agarrar, partes que podem encaracolar, avolumar, avermelhar ou branquear.

Nas outras visitas, tinham ficado pelo andar dos artigos de primeira necessidade, mas, naquele dia, Adina era sobredotada e a mãe diz:

— Vamos viver um pouco, por amor de Deus.

No andar de cima, frascos de perfume dispostos em prateleiras espelhadas como pássaros com barrigas estranhas. Uma exposição de artigos vendidos na televisão: um conjunto de facas superafiadas, *Chia Pets* e o *Flowbee*, uma combinação de aspirador e máquina de cortar cabelo. O empregado está a abrir as portas da vitrina que, atrás do balcão, protege os cremes mais exclusivos e mais suscetíveis de serem roubados. Entrega um frasco roxo a uma mulher da igreja que frequentam, que o abre e aplica algumas gotas nos pulsos e no pescoço.

A mãe sabe onde encontrar o seu frasco *Jean Naté* de 240 ml, no fim do corredor, na prateleira de baixo, entre o talco para

o corpo e o spray pós-banho *Jean Naté*. Cada visita à Beautyland acontece várias semanas depois de ter acrescentado água ao frasco que tem em uso, e, se Adina estiver no quarto (normalmente está, fascinada pelos preparativos da mãe), estende os pulsos ungidos e anuncia:

— Vês? É a mesma coisa, só que mais leve.

Se a Beautyland não tiver o seu frasco de 240 ml, ela não leva outro. Se tiverem mudado a fórmula, prometendo um aroma mais fresco ou mais almiscarado, não o compra. Se tiverem o perfume certo, mas não em 240 ml, por exemplo, o frasco de 355 ml, não o compra. Mesmo que o frasco de 355 ml custe menos por mililitro. Não se podem dar ao luxo de ser espertas com o dinheiro.

O mundo de Adina começa no cós dos *collants* adelgaçantes Cinza-Floresta da mãe, da Burlington Coat Factory (no fim do ciclo de lavagem de roupa, passam a um Arroz Selvagem), e termina perto da bola de golfe gigante do Garden State Parkway que anuncia as entradas para Atlantic City. Adina é uma estudante, e a mãe é o seu grande objeto de estudo. Todas as noites, Adina observa-a a tirar o vestido de trabalho e a pousá-lo na tábua de engomar, pronto a ser usado no dia seguinte. Depois de cozer frango ou fazer um guisado com o que quer que esteja prestes a apodrecer, a mãe datilografa cartões de ponto para uma fábrica de papel situada nas imediações do apartamento onde vivem. Ela diz que muitas mulheres dariam bom dinheiro pelos seus olhos profundos e nariz romano. O Mark, do trabalho, disse-lhe que ela merecia estar gravada numa moeda. Ela jura que as mulheres dariam bom dinheiro por tudo o que seja diferente do que é normal na vizinhança. Até ao momento, isso inclui os seus olhos, cabelo, a pele morena cuja cor de azeitona se acentua no verão. A mãe não gosta de abraçar: Adina normalmente só consegue aproximar-se ao ponto de lhe sentir o perfume, e é por isso que adora aquele frasco tão amarelo que o conseguiria ver do espaço.

— *Jean Naté* — acena a mãe com o frasco de peso e fórmula corretos. — Muito chique. — Finge ponderar um outro frasco,

imitando a voz de Julia Child. — Que frasco bonito — diz ela.
— Mas tem cor de ranho!

Adina nunca a vira tão descontraída. Pulveriza o frasco de teste sobre as suas cabeças e puxa Adina para a névoa.

— Que tal? — pergunta ela. — A que cheira?

— A ovo! — responde Adina, franzindo o sobrolho.

A mãe escolhe outro frasco, da cor do peixe *Betta* preferido de Adina no Martin's Aquarium.

— E então?

Adina diz o nome da única flor que conhece.

— Narcisos! A minha filha é sobredotada — explica a mãe à prateleira. — Imagino que não seja capaz de compreender como é. Adina, empresta-me o teu caderno? — A mãe está a brincar. É ponto assente que Adina não a deixa tocar no caderno vermelho que lhe espreita do bolso do casaco como uma língua perene. A mãe finge rabiscar notas na mão. — Olha, esta és tu.

Ri-se e borrija mais um pouco de perfume. Avaliam o corredor mais à frente.

— O nariz humano só consegue processar sete aromas — diz uma voz. O funcionário está atrás delas, com os lábios curvados para longe dos dentes, numa expressão enjoada. — Estão a desperdiçar perfume.

Adina fica surpreendida pela indelicadeza do homem em frente da senhora da igreja. Mas ela já tinha terminado a sua compra e fora-se embora. Estão sozinhos. Sente-se corar.

— Obrigada — responde a mãe de forma abrupta, devolvendo o frasco de teste. A prateleira espelhada produz um estalido com a força.

— Posso ajudá-la em mais alguma coisa? — diz o empregado, virando costas e voltando para o seu balcão.

A mãe pega no cotovelo de Adina e leva-a para fora da secção, descendo os degraus e atravessando o rés do chão.

— Adina — avisa. Ela sabe que as lágrimas vêm a caminho porque a filha chora ao ver as lagostas no tanque do restaurante Seafood Shanty, com as garras presas com fitas pretas. — Ele não

passa de um homem estúpido — esclarece ela, conduzindo a filha para além do balcão principal, da porta da frente e cruzando rapidamente o relvado até ao carro. Está mais frustrada com Adina do que com o homem, porque é Adina que ela deveria ser capaz de controlar.

O bairro ficou de um azul de inverno. Ainda têm de ir à loja buscar um frango para cozinhar.

— Senta-te direita. — A expressão da mãe é a que usa quando se prepara para dizer a verdade sem rodeios. — Às vezes, há pessoas que não gostam de ver as outras felizes.

Como aquilo não faz parar as lágrimas, ela liga o carro e conduz de volta para casa. Sem perfume. Sem escova. Sem frango. Passam pelo famoso Sandwich Castle, pela famosa Putt-Putt Station, pelo Martin's Aquarium, pelo Auto World.

*

Mais tarde, no seu quarto, Adina coloca uma folha de papel no aparelho de fax.

Os seres humanos não gostam quando outros seres humanos parecem felizes.

Na manhã seguinte, chega uma resposta: LAMENTAMOS MUITO.

Adina imagina alguém do outro lado a torcer por ela, preocupado com ela.

*

O primeiro e único Auto World do bairro, exposto ao longo da estrada de forma extravagante, é um «Super» World, pois não só vende produtos para automóveis, como também repara carros. Carros de dimensão média, compactos e berlinas levitam nos seus cais, que bocejam ao longo da rua.

O Homem Voador em frente ao Auto World é vermelho-pai. Depois dos trabalhos de casa, Adina senta-se no degrau da frente e observa-o a gesticular sobre os carros que se dirigem para

a Route 95, que conduz ao inefável: Nova Jérсия. O homem voador diz: *Venham! Vão? Adina! Viva! Adina!*



O cabelo de Adina é frisado em alguns sítios e sucintamente espiralado noutros. Tem minúsculos caracóis na nuca. John Frieda está a muitos anos de inventar o creme *anti-frizz*, por isso Adina usa gel para controlar o que pode. Na maior parte das vezes, o resultado é uma seta preta que se projeta para a frente do colarinho rígido da sua camisa da escola.

Os padrões do pequeno apartamento simplificam-se e aprofundam-se. A mãe vai para o trabalho e a filha para a escola. A mãe, de regresso a casa, atira a bolsa para cima da mesa em forma de meia-lua. A filha escreve a lápis as respostas de Geografia. A mãe canta na cozinha. A filha, no quarto, espera que a chamem. A mãe bate com a porta de um armário. A filha fica alerta. A mãe conta os escalopes de frango, calculando como os fazer render para toda a semana. Matemática de mãe. A filha reclama: «Outra vez frango?» A mãe arruma partes importantes de si mesma em sítios de que até ela se esquece. A filha lê um livro por dia da pilha da feira da ladra de Roosevelt Mall. Os sonhos da filha crescem na forma das viagens de esqui, bibliotecas, prados sobre os quais lê. Mãe e filha na fila da House of Bargains, inventando histórias que lhes permitam conseguir devolver produtos. A filha pensa como a palavra «vestíbulo» faz o que significa, dá a volta e cria um espaço para pendurar o casaco acolchoado da mãe e o seu casaco cor-de-rosa. Vestíbulo. Estes *collants* deviam estar em saldo. A filha faz perguntas, come um gelado de cone. Não podes ir à viagem de esqui. Não sabes esquiar! A filha nunca vai aprender se não a deixarem ir. O som da mãe é: «Não comes, nem sequer usas os que tens. Seja como for, eu podia fazer isso por metade do preço, é feio que se farta.» O som da filha é: «Outra vez frango?» A rotina delas muda tão raramente que não precisam de muita linguagem. As repetições, os lamentos e os

interlúdios tornam-se íntimos delas. Uma canção em duas partes que cantam juntas.

— Vou cortar o cabelo — diz Adina.

— Há muita mulher que daria bom dinheiro por ele.

— Vou cortá-lo.

— Não sabes a sorte que tens.

★

O nome do planeta de onde Adina vem não tem um equivalente em inglês. *Grosso modo*, soa a um grilo a saltar para cima de um prato de arroz. Ela foi enviada para a Terra para tomar notas sobre os seres humanos. Isso ajudará o povo do Planeta Arroz de Grilo, que brilha no seu planeta conturbado a séculos de distância.

Todas as noites, Adina adormece e «acorda» na Sala de Aula Noturna, com os superiores a brilharem à sua frente. Os gráficos e dioramas da sala atualizam-se para refletir o que ela estuda na escola da Terra. A Guerra da Independência dos Estados Unidos, os verbos, o sistema solar. Ela intui que isto é para criar continuidade. Habitua-se à carga dupla, mas está sempre cansada.

★

No quarto ano, uma rapariga de cabelo preto, curto com franja, entra para a escola. É apresentada como Antoinette-Maria e senta-se silenciosamente na frente da turma, sob o peso do seu nome imenso.

É dia de leite. Cada aluno recebe um pacote de leite simples ou achocolatado, de acordo com o que os pais especificaram numa autorização semanas antes. O facto de o leite não ser distribuído ao almoço, e sim na aula de Ciências da tarde, não chega a ser explicado. Os alunos cujos pais não preenchem as autorizações recebem o leite simples. Todos querem leite achocolatado, mas os pais de crianças amadas pelos pais escolhem o simples. É isto que a mãe de Adina lhe diz para justificar o facto de se ter esquecido

de assinar a autorização. Antoinette-Maria não estava por lá quando as folhas foram distribuídas, por isso recebe o simples. A professora de Ciências ajuda-os a abrir os pacotes de papelão duro e depois arrasta um carrinho com rodas para a sala de aula, carregando uma combinação de televisão e videogravador. Anuncia que os alunos devem pousar o leite que acabaram de receber. Ao contrário da professora de Artes, que dá saltinhos de alegria sempre que alguém usa materiais de uma forma «original», a professora de Ciências não é muito dada a entusiasmos. Aquilo deve ser importante. Ela apaga as luzes.

O ecrã da televisão enche-se com a imagem de um foguetão no espaço. Aparece um homem com um cabelo de aspeto simpático. Veste um fato de três peças e garante-lhe que há vida noutras planetas e que a vão encontrar. A sua voz aveludada pressiona um botão em Adina. Ela inclina-se para a frente, entornando o pacote de leite no colo. O líquido branco derrama-se sobre a sua saia. A sala de aula irrompe em conversas. A professora de Ciências volta a acender as luzes e vai buscar guardanapos de papel.

Mais tarde, na aula de Artes, a proposta é: *Desenha a tua casa*.

— Quem és tu? — pergunta a rapariga nova a Adina.

— Adina — diz ela. — Tens o nome mais comprido que já ouvi.

— A minha mãe queria um nome feminino porque eu tenho cem irmãos — explica ela a sorrir. — Mas toda a gente me chama Toni.

— De onde és? — pergunta Adina.

E Toni responde:

— De muito longe.

Uma pontada de esperança.

— Eu também — diz Adina. — Para lá de Neptuno.

— Filadélfia — replica a professora. — Rhawn Street e Verree Road.

— Eu sou de Neptuno — diz Toni.

— Kensington. — A professora suspira sobre o papel de Adina, no qual ela desenhou dez pontos de cor azul real. — Adina, a atividade era desenhares a tua casa.

Toni não levanta os olhos do seu papel, onde desenhou uma rapariga rodeada por um fogo de artifício de rapazes.

— São estrelas.

★

Adina consulta todos os livros sobre Carl Sagan que existem na biblioteca e envia por fax o que aprende.

Carl Sagan é um astrónomo polémico que usa combinações de gola alta e blazer, a quem foi negado o lugar de professor em Harvard por ser demasiado hollywoodesco. Ele diz que a civilização humana está tão atrasada que, se os extraterrestres entrassem em contacto, teriam de falar devagar. Foi por isso que enviaram um aparelho de fax? Foi por isso que me enviaram para aqui em vez de para um sítio como Nova Iorque? Ele diz que a Voyager 1 lançou uma mensagem cósmica numa garrafa para o Universo. Ele anda à nossa procura! Esta afirmação não transmite a dimensão da alegria que a descoberta traz. Então, acrescenta: Ele acredita em mim.

Rangendo, até o aparelho parece desinteressado quando a resposta chega:

SIM, TEMOS CONHECIMENTO DELE E DAS SUAS CAMISOLAS DE GOLA ALTA.

★

À exceção dos papagaios que palram por cima dos sacos de areia, tudo é líquido e silencioso no Martin's Aquarium. O som é o de uma manhã bem cedo num dia de neve, um tom de útero. Os ruídos da boca da mãe e o roçar dos lápis dos colegas criam o caos na mente de Adina. No Martin's Aquarium, sente-se calma.

Quando o minúsculo e vistoso *Betta* chega ao fim do seu aquário e se vira, a sua cauda abana-se espalhafatosamente. Pele azul luminescente e uma cauda cor-de-rosa brilhante. Os peixes têm pele? Anota no seu caderno para ir pesquisar.

A mãe encolhe os ombros perante a luz fluorescente da caixa.

— Deve ser difícil viver assim.

Concordara com aquela visita depois do trabalho porque Adina parecia atormentada, como se fosse responsável por uma fábrica de trabalhadores e suas famílias. Preocupa-a o facto de o programa para sobredotados poder ser demasiado exigente. Uma menina não deveria retirar-se tantas vezes para dentro dos seus pensamentos, um espaço que a mãe não consegue penetrar, por mais que a chame.

Adina não gosta quando a mãe diz coisas de adultos na altura em que ela está a tentar ouvir os peixes. Fica aliviada quando a mãe perde o interesse e se afasta para ouvir os seus favoritos, os pássaros.

Ela encosta o ouvido ao vidro frio e espesso.

Ooo moo a moo a, diz a água. Ela ouve: *Mãe, mãe, mãe.*



A mãe de Adina ensina-a a ir ao 7-Eleven:

— Vais entrar na loja e pedir ao homem que está ao balcão um maço de *Marlboro 100*. Ele vai virar-se para os ir buscar e tu vais dar-lhe esta nota de cinco dólares. Espera pelo troco, que será de cerca de três dólares.

— E se custar mais?

— Não vai custar. Estou a estimar muito por alto.

— E se eles aumentaram os preços ontem à noite?

— Não aumentaram — diz ela. — Eu verifiquei.

— E se não tiverem *Marlboro*?

— *100* — completa ela. — Então pedes *Newport 100*.

— E se não tiverem esses?

— Então, deixo de fumar.

Adina testa a nota na sua mão como se fosse falsa.

A mãe aponta para si própria.

— Eu fico a ver daqui. Podes ver-me pela janela — assegura ela, acenando a uma Adina imaginária.

Isso acalma Adina o suficiente. Sai e dá a volta pela frente do carro. Teme que alguém a empurre para o lado ao chegar à porta,

mas ninguém o faz. Dirige-se ao balcão e pede ao homem os cigarros.

Ele faz uma careta.

— Tens 18 anos?

Adina gagueja.

— A minha mãe está lá fora. São para ela.

Ela aponta, acena, mas a mãe está a pentear a franja no espelho retrovisor.

— Relaxa. — O homem atira a caixa para cima do balcão.
— Estou a brincar.

A nota treme-lhe na mão. O troco é 3,25 dólares. Regressa ao carro, onde a mãe está a pôr *gloss* nos lábios.

— Não estavas a ver!

A mãe fecha a tampa da caixinha de *gloss*.

— E vês como, mesmo assim, te saíste bem?!

★

Adina «acorda» na Sala de Aula Noturna e constata que o alfabeto foi substituído por uma série de painéis. No primeiro painel, uma coleção de micróbios aglomera-se sobre um fundo escuro. No seguinte, um peixe sem olhos. No seguinte, um peixe com olhos. Depois, um réptil. Um macaco numa árvore. Um babuíno. Um homem das cavernas. Perto do fim da série, um painel apresenta o primeiro ser humano. À medida que os humanos evoluem nos painéis seguintes, o corpo elimina o que já não é necessário, como os dentes do siso. O último painel apresenta um homem contemporâneo a segurar uma pasta. Os quadros param.

Adina consulta a Área Cintilante e intui que há mais por vir.

Aparece outro painel. Nele, o homem com a pasta está a meio de um passo. É o mesmo painel, só que a cabeça dele é maior. Aparece outro painel: o mesmo homem com uma cabeça ainda maior, ombros e pernas mais finos. Adina compreende que está a assistir ao futuro da evolução humana. Pensa no seu corpo terrestre, adormecido na cama, analisado por gradientes de luz.

Aparecem mais painéis. A cabeça do homem cresce, ao passo que o corpo diminui. No futuro, quase tudo no corpo humano se revelará um dente do siso. O cérebro cresce. O género já não é discernível. Os olhos e o nariz, desnecessários na presença de uma intuição profunda, estreitam-se. No último painel, o homem com a pasta transformou-se num ser cinzento, de pele cerosa e cabeça gigante, com fendas no lugar dos olhos e um corpo inconsequente. Adina reconhece a imagem das fotos das revistas *National Enquirer* da mãe, que aparecem ao lado de títulos como OVNI ATERRA EM ZONA DE CAMPISMO NO NOVO MÉXICO, SOBRESSALTANDO OS LOCAIS.

Adina examina o primeiro e o último painel. Os extraterrestres são humanos, vindos do futuro. Nós, mais tarde. Ela não consegue conciliar o homem de pé com a pasta com a criatura com a cabeça de gigantone. A Área Cintilante regista a sua inquietação. Parece consultar-se a si própria e decide que ela já viu o suficiente. Adina acorda na sua cama, a tremer com as reverberações da importante lição.

*

Na manhã seguinte, a mãe vira salsichas na frigideira.

— Pareces uma taxista no fim do turno.

*

Não há nada mais feio do que o pecado. Pecado: sujidade no chão da mente que tens de estar sempre a varrer. Toda a gente está obcecada com o pecado na escola de Adina, que se baseia numa das principais religiões abraâmicas, a Católica Apostólica Romana. Ensinam-lhes que as principais preocupações de Deus em relação ao pecado incluem se os pais são solteiros (mortal), se nos sentimos atraídos por uma pessoa do mesmo sexo (mortal), se beijamos alguém com língua (mortal), se mentimos sobre isso (venial). A melhor maneira de evitar o pecado é abdicar das coisas.

Adina e a mãe abdicam de casacos novos no inverno, de tanques atestados, de ar condicionado, de frango sem ser em promoção e de férias. A mãe rouba resmas de papel do seu trabalho. Não é pecado, diz ela, porque Adina precisa dele.

Adina envia um fax aos seus superiores com uma descrição do pecado e recebe uma resposta imediata. Primeiro, pensa que os dois pontos e o rabisco são um código, mas depois apercebe-se de que é uma cara sorridente. Acham engraçado.

★

«Mark» tem uma licenciatura em arteterapia. «Mark» gosta de refrigerantes sem açúcar. Um aluno que não reagia no seu trabalho só conseguia comer quando «Mark» punha a tocar um disco de Schubert.

Um sábado à tarde, a mãe anuncia que irão com Mark ver o primeiro filme de Adina no cinema.

— Quem é o Mark? — pergunta Adina.

E a mãe responde-lhe:

— Não comeces.

Devido ao carácter transitório dos apartamentos e das mães solteiras, Adina deve fingir que a mãe já lhe contou sobre Mark. A mãe baseia-se na sua posição no topo da hierarquia para desculpar o facto de não o ter feito. Adina ouviu a mãe ao telefone, ouviu o nome (a razão pela qual foi surgindo em conversas, para começar) e não são precisas mais explicações. Vestem roupas não demasiado janotas e vão ao Boulevard Cinemas, perto da House of Bargains.

Quando o carro de Mark chega nessa noite, a mãe de Adina grita «OK» tão alto que as duas se assustam. O homem iluminado pelo painel de instrumentos de um *Toyota Corolla* parece igualmente nervoso quando Adina desliza para o banco de trás. A mãe e Mark sorriem um para o outro. Ele vira-se, cumprimenta-a e pergunta-lhe se o cinto de segurança está demasiado apertado. Na viagem de dez minutos até ao cinema, Adina memoriza todos

os cheiros do carro dele. Pimentos doces e metal. Não está habituada a ver o bairro à noite. Os vendedores de *pretzels* desapareceram. As árvores da avenida são azuis e escuras, como ela imagina que sejam no País de Gales, o cenário da maioria dos seus livros de fantasia, só que em vez de estarem numa floresta, estão isoladas ao longo do muro de betão que divide as oito faixas de rodagem. Mas não deixam de ser árvores. E não deixam de ser bonitas.

Adina tenta compreender a nova gargalhada da mãe, como berlindezes que caem de um frasco para uma mesa. Mas, quando chegam ao cinema, Adina fica encantada com a banca de refrigerantes, pipocas e todos os doces de que já ouviu falar. Mark diz que lhe compra o que ela quiser. Compram um balde de pipocas, com manteiga e sal. Ele ri-se ao vê-la enfiar o punho dentro do balde.

O cinema é amplo e cheira a casacos novos. Mark explica que é uma sessão especial do *E.T.* O projetor liga-se e a plateia fica em silêncio. Até o som das pessoas a comer pipocas diminui durante uma hora e quarenta e cinco minutos, enquanto Adina, com o coração aos pulos, assiste à história de um extraterrestre gentil que é ajudado por jovens humanos. Num momento de silêncio perto do fim, uma mulher sentada ao lado de Adina desembulha um chocolate. O som do papel a ser desembulhado e o mastigar da mulher arrancam Adina do seu devaneio. Já não consegue concentrar-se, os seus braços aquecem, levanta-se do lugar e passa pela mãe e por Mark para o corredor.

— O que é que ela está a fazer? — pergunta Mark.

— Adina, senta-te! — diz a mãe entredentes.

Adina dirige-se para a parte de trás da sala, com a mãe no seu encaço. Explica que a forma como a mulher estava a comer lhe estava a magoar os ouvidos. O filme termina e as pessoas saem, vendo-se a cabeça de Mark a espreitar entre elas.

— Foi uma reação e tanto — diz ele, voltando a juntar-se a elas.

— A Adina é sensível — explica a mãe.

De regresso a casa, a mãe e Mark ficam na sala, enquanto Adina se retira para o quarto, a fervilhar de informação.

★

Quando chegou a altura de decidir qual a comida oficial para ver um filme, os seres humanos não escolheram Fig Newtons ou caramelos, alimentos silenciosos, mas sim pipocas, o som mais barulhento da Terra.

★

Na década de 1980, o estado da Pensilvânia deixou de chamar «escola» ao local de trabalho da mãe e passou a chamar-lhe «estabelecimento de ensino», e, em vez de «alunos», refere-se-lhes como «clientes». Isto porque, explica a mãe de Adina, os clientes são incapazes de aprender de formas que os conselhos de administração do Estado compreendam. Diz que muitas famílias não os visitam porque o facto de terem um filho com uma deficiência grave os envergonha. Ela prefere os clientes, que pensam tão claramente como qualquer outra pessoa, mas vivem em corpos que não conseguem cooperar com os seus desejos. Afinal, a sua própria família também a excluía, tão facilmente como se corta um cupão.

A mãe de Adina recolhe os cartões de ponto de todos ao fim do dia e passa-os a limpo para uma longa folha, a qual entrega aos Recursos Humanos na manhã seguinte. Numa noite desse inverno, esquece-se das folhas de ponto. Não pode deixar Adina sozinha e precisa delas. Vão de carro ao trabalho dela.

A mãe de Adina apressa-a ao subirem o caminho até a um edifício de tijolo. Abre a porta devagar, como se tivesse medo de incomodar quem está lá dentro. No átrio, os clientes estão sentados em cadeiras de rodas, à volta de uma mesa de centro. Uma enfermeira de serviço está sentada atrás de uma parede envidraçada, assustada com o barulho da porta.

— Fica aqui — diz-lhe a mãe. Ela passa pelo átrio, cumprimentando os clientes. Uma mulher está sentada numa posição que parece desconfortável, com a cabeça apoiada no ombro esquerdo. — Olá, Martha.

A mãe sorri-lhe, olhando-a nos olhos. A expressão da mulher não se altera, mas a mão estende-se para a da mãe. Adina nunca tinha visto a mãe dar a mão a ninguém, nem a tinha ouvido falar tão suavemente.

— Ouvi dizer que ontem lhes fizeste a vida negra ao pequeno-almoço.

A mulher remexe-se na cadeira, o que a mãe interpreta como uma confirmação. Aperta a mão da mulher entre as suas e cumprimenta a enfermeira de serviço, que lhe abre a porta das traseiras.

Adina fica junto à porta do átrio. As paredes brilham com cúpulas de plástico que fazem com que a sala pareça rebaixada. Um homem à sua direita vira a cadeira de rodas na direção da parede. A diagonalidade dos seus ombros faz Adina recear que ele esteja a sofrer. Ela quer que a mãe regresse para poderem ir-se embora. Martha empurra a cadeira na direção dela.

— Olá — diz Adina. — Chamo-me Adina.

— Esta é a minha filha. — A mãe surge das traseiras, com os cartões de ponto na mão. — Aquela de quem te falei. A sobredotada.

Adina nunca ouvira a sua mãe gabar-se. Nunca a vira dar um abraço a ninguém. Nunca a ouvira levantar a voz para se dirigir a mais do que uma pessoa numa sala.

— Portem-se bem. Vemo-nos amanhã.

No parque de estacionamento, a mãe faz uma pausa antes de ligar o carro.

— Eu sei que é estranho, mas eles estão protegidos e são bem tratados.

Conduzem os dez minutos até casa em silêncio. A mente de Adina está cheia de pensamentos simples e insondáveis. A mãe dela toca nas pessoas. As árvores da avenida têm grinaldas de luzes. Até os rapazes da esquina, com os seus casacos vistosos, estão em sintonia com o calor que a sua mãe trouxe ao mundo.

Os seres humanos, explica Adina no fax, produzem água nos olhos quando estão tristes, felizes ou, por vezes, apenas frustrados. Água!

★

Adina fica constipada e deixa-se dormir no sofá da sala, embrulhada em cobertores e a ler. A mãe explica-lhe que deve assoar o que tem no nariz com um lenço de papel. Adina julga ter ouvido mal: soprar as suas partes mais nojentas pelo nariz? A mãe volta a explicar, consulta o relógio, dá uma desculpa ao telefone e fica impaciente. Força o nariz de Adina contra o lenço de papel.

— Isso é a tua boca, faz força pelo nariz.

Ela não consegue. As suas partes mais macias ficam dentro dela.

★

Na escola, aprendem que os meteoros soam a *bacon* a fritar. Adina fica acordada até de manhã, à escuta.

★

Todos os domingos vão à feira da ladra de Roosevelt para vender roupa ou fazer compras nas bancas. A sua vendedora preferida é a Sra. Goldman, que vende livros usados numa carrinha *Chevy*. Nos dias bons, Adina recebe dois dólares para comprar quatro livros: três Nancy Drews (vinte e cinco cêntimos cada) e qualquer livro novo que tenha chegado sobre uma rapariga normal com uma identidade secreta e nobre. Nos dias maus, quando a mãe de Adina não consegue encontrar um lugar para estacionar ou a carrinha da Sra. Goldman não está estacionada no final da quinta fila, Adina fica inconsolável. Vão-se embora mais cedo.

Naquele domingo, a Sra. Goldman pega num livro que tem estado a guardar para Adina. *A Vida Inteligente no Universo*, de

Carl Sagan. O título sagrado está impresso sobre uma imagem da Via Láctea. Cinquenta cêntimos.

Está uma manhã clara e cinzenta em Filadélfia. Pilhas de *pretzels* quentes fumegam no separador da avenida. Os vendedores movem-se entre os carros como bailarinos de flamenco, abanando os seus sacos de papel. No McDonald's, a mãe deixa Adina comprar uma caixa de minibolachas com pepitas de chocolate. Antes de comer cada bolacha, Adina ergue-a contra a luz que entra pela janela e admira-a como uma esmeralda. Tira o livro do bolso do casaco para se certificar de que ainda lá está.

As personagens dos livros estão sempre a admirar pedras preciosas à luz das janelas, relata ela por fax.

O fumo do tabaco entra pela pequena janela. A mãe, no alpendre das traseiras, expele fumo para a calçada de betão. Adina fica acordada até tarde, a ler sobre o Universo.



A mãe de Adina preleciona enquanto passa a ferro: nada é mais importante do que pôr comida na mesa.

— E com o que é que eles contribuem? — pergunta ela sobre as mulheres da igreja, sobre os vizinhos, sobre Vanna White.

Toni contribui com:

Três irmãos, Christopher, Matteo e Dominic.

Uma sandes de alface sem côdea.

Um corta-vento cor-de-rosa e laranja em segunda mão que usa todos os dias.

Uma esponja de pintura que mastiga na casa de banho quando está nervosa.

Comer em silêncio. Nem um som de comida a passar pela garganta ou de saliva.

Um pai que vive a dois estados de distância com outra família. Uma mãe que trabalha num escritório de advogados, mas que está frequentemente doente.

Toni é a única pessoa a quem Adina considera revelar a sua identidade secreta e nobre.

★

As notícias são transmitidas a partir de um ponto distante no espaço. Adina entra num período de exames médicos.

No consultório do oftalmologista, um painel na parede mais distante ilumina-se.

— Primeiro ou terceiro? — pergunta o oftalmologista.

— Terceiro.

(Som de diapositivos plásticos a rodar)

— Segundo ou primeiro?

...

— Queres ver o primeiro outra vez?

(Som de diapositivos plásticos a rodar)

O oftalmologista engole, fazendo um ruído perturbadoramente molhado.

— O primeiro — diz ela, com repulsa.

— Por favor, não digas à sorte.

— Não estou a dizer à sorte.

Ela está a dizer à sorte. Ela dirá o que quer que seja, desde que abrevie a visita para não ter de o ouvir engolir outra vez.

Os mecanismos deslizam para longe de Adina, e uma mesa com diferentes instrumentos monta-se à sua frente. Um painel numa parede mais distante ilumina-se.

— Lê a linha mais abaixo que conseguires. — O líquido na boca do oftalmologista está mortalmente perto do ouvido de Adina. Ela tem a certeza de que ele está a fazer aqueles sons para a incomodar.

Adina enumera as letras, com o estômago a revolver-se.

Na sala de espera, a mãe lê um artigo sobre uma família de atores que investiu recentemente em molhos para saladas.

— Como é que correu?

O oftalmologista descreve o astigmatismo como um vidro côncavo, o que faz com que Adina se sinta especial e defeituosa.

MELHOR LIVRO DO ANO:

THE NEW YORK TIMES • TIME MAGAZINE

ELLE • ESQUIRE • GOODREADS

«Um livro comovente que deslumbra
com a sua verdade e beleza.»

KIRKUS REVIEWS

No preciso momento em que a sonda espacial *Voyager 1* é lançada para o espaço, transportando dentro de si o famoso disco dourado, uma mãe em Filadélfia dá à luz uma bebé cuja percepção do mundo é incomum. Adina Giorno é minúscula, tem icterícia, e procura imediatamente alcançar o calor e a luz. Em criança, apercebe-se de que é diferente, pois, ao contrário dos outros, tem conhecimento de um planeta distante; e graças à inesperada chegada de uma máquina de fax a sua casa, torna-se capaz de contactar os seus semelhantes, relatando-lhes aquilo que os terrestres fazem, dizem e sentem.

Ao longo dos anos, Adina vive a sua vida entre os humanos, seguindo os seus passos e transmitindo ao seu planeta os terrores e maravilhas da existência na Terra. Até que lhe é dada a oportunidade de partilhar os anos de mensagens intergalácticas com os próprios humanos. Será possível que existam outros como ela?

Dotado de uma originalidade e sensibilidade soberbas, *Beautyland: Terra Bela* é um romance sobre a fragilidade e a resiliência da nossa existência, tanto na Terra como no Universo, numa evocação brilhante do que é sentirmo-nos, por vezes, exilados na nossa própria casa.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN: 978-989-583-526-3



9 789895 835263